



ETNOECOLOGIA E ETNOBOTÂNICA DA PALMEIRA CARNAÚBA (*COPERNICIA PRUNIFERA* (MILL) H. E. MOORE) NO SEMIÁRIDO DO VALE DO RIO AÇU, RN

Richieliel Albert Rodrigues Silva 1,3

Talita Geovanna Fernandes Rocha 1; Arthur de Almeida Marinho 1; Cristiane Gouvêia Farjado 2; Fábio de Almeida Vieira 1

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Engenharia Florestal, Macaíba, RN.

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Biologia Celular e Genética, Natal, RN.

³richieliel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A carnaúba (*Copernicia prunifera*) é uma palmeira do nordeste brasileiro, predominando nos Estados do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. A espécie ocorre em ambientes com solos argilosos e em aluviões, onde há maior saturação hídrica e elevados teores de salinidade. A cadeia produtiva e exploração da carnaúba consistem no conjunto de atividades econômicas que utilizam o estipe, as folhas, o pecíolo, a fibra, o fruto, as raízes e principalmente a “cera - de - carnaúba”, com diversas finalidades. Entretanto, com a valorização e a comercialização da cera, a tendência é o aumento da exploração desse recurso, o que pode gerar impactos nos carnaubais. A etnoecologia é frequentemente usada para designar os estudos que se referem à interação entre uma população local e seu ambiente natural (Castaneda & Stepp, 2007). Já a etnobotânica é o estudo contextualizado do uso das plantas pelas populações tradicionais (Lins Neto *et al.*, 010). Conforme relata Albuquerque & Andrade (2002), a estrutura das comunidades vegetais é geralmente afetada em diferentes aspectos pelos extrativistas. Sendo assim, é fundamental que seja considerado o conhecimento tradicional dos extrativistas e os níveis de coleta praticados para então desenvolver práticas sustentáveis de manejo.

OBJETIVOS

Investigar aspectos etnoecológicos e etnobotânicos da carnaúba (*Copernicia prunifera*) em uma comunidade extrativista do estado do Rio Grande do Norte.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado no Assentamento Pedro Ezequiel de Araújo, na Agrovila Picada, município de Ipanguaçu (RN). O local está inserido na microrregião do Vale do Açu, nas coordenadas 05° 29' 52" S, 36° 51' 18" W e altitude de 16 m, em região semi - árida. Atualmente estima - se 59 famílias na Agrovila Picada, local deste estudo. Os carnaubais ocupam uma área de aproximadamente 600 hectares no assentamento, com distribuição ao longo da Lagoa de Ponta Grande. Foram entrevistadas 27 pessoas da comunidade, consideradas informantes - chave por demonstrarem conhecimentos adquiridos localmente a partir das atividades de exploração da palmeira carnaúba. As entrevistas ocorreram ao longo do ano de 2010. Para cada entrevistado foram explicados os propósitos do estudo e, em seguida, realizadas entrevistas semiestruturadas, incluindo a caracterização do informante e diferentes questionamentos sobre a sua convivência e envolvimento com exploração da carnaúba. A etnoecologia foi investigada com base em perguntas sobre a biologia vegetativa e reprodutiva da espécie. Já o estudo etnobotânico abrangeu os tipos de uso popular da espécie, assim como as-

pectos econômicos da exploração e comercialização da carnaúba.

RESULTADOS

A espécie carnaúba floresce no início do ano e produz frutos logo em seguida, conforme relatado pelos extrativistas. Os frutos da carnaúba são comestíveis pelo homem e outros animais, mas o principal dispersor relatado pelos entrevistados é o morcego, ou seja, a espécie possui dispersão quiropterocórica.

Os extrativistas descreveram a ocorrência de plantas com variações fenotípicas, denominada por eles como “carnaúba branca”, que é desprovida de espinhos no pecíolo e possui estipe mais claro do que a espécie comum. Conforme relatos dos entrevistados, a “carnaúba branca” apresenta ocorrência rara nas populações naturais da espécie, e possui ainda maior potencial fitoterápico da raiz contra inflamações. Segundo os entrevistados, as demais partes vegetativas e reprodutivas da planta não apresentam diferenças entre a “carnaúba branca” e a carnaúba comum, assim como os subprodutos, que possuem as mesmas aplicabilidades. Entretanto, são inexistentes estudos científicos que caracterizam estas variações fenotípicas, sendo isso uma proposta de estudo já em andamento.

Os subprodutos da espécie são muitos, incluindo a folha madura e o “mangará”, termo utilizado pelos extrativistas para designar as folhas novas, ainda não abertas. O “mangará” é utilizado preferencialmente para extrair o pó cerífero, que apresenta coloração branca. Esse pó possui valor entre R7,00 e R 12,00 o kg. Segundo os entrevistados, o valor oscila conforme a época de extração, já que períodos úmidos inviabiliza o processo de secagem das folhas e extração do pó. Após industrialização, esse pó é transformado na cera - de - carnaúba, com inúmeras aplicações econômicas.

Já as folhas maduras extraídas da carnaúba são secadas e logo depois batidas para a extração de um pó mais escuro, comparado ao pó que se obtém do “mangará”. Segundo os entrevistados, o kg do pó das folhas maduras é menos valorizado que o pó da folha do “mangará”, sendo esse valor entre R4,00 e R 5,00 reais, devido ao aspecto da coloração escura. As palhas secas e já despro-

vidas da quase totalidade do pó cerífero que as recobria são utilizadas para a produção de vassouras e artesanatos. A equipe local responsável pela extração nos carnaubais é organizada da seguinte forma: cinco “cortadores”, quatro “aparadores”, cinco “enfiadores”, três “olheiros”, dois “burreiros” e um “estendedor”, “gancheiro” e “rancheiro”. Foi relatado que nas atividades extrativistas da carnaúba são utilizados poucos equipamentos de segurança individual. Apesar de ser um trabalho com riscos e acidentes registrados, foram citados como constituintes da vestimenta: óculos, chapéu, calça, botas e camisa de manga longa. Alguns trabalhos desprezam o uso de alguns itens de segurança individual.

CONCLUSÃO

A pesquisa teve um papel fundamental, no sentido de difundir os conhecimentos etnobotânicos e etnoecológicos da carnaúba no semiárido potiguar. Além disso, permitiu a sistematização das informações e conhecimentos tradicionais, bem como o uso da espécie pelo homem e outros animais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de & ANDRADE, L. H. C. 2002. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). *Acta Botanica Brasílica*. 16(3): 273 - 285.
- CASTANEDA, H.; STEPP J.R. 2007. Ethnoecological Importance Value (EIV) methodology: assessing the cultural importance of ecosystems as sources of useful plants for the Guaymi People of Costa Rica. *Ethnobotany Research & Applications*, 5: 249 - 257.
- COTTON, C.M. *Ethnobotany: principles and applications*. New York: J. Wiley, 1996. 320p.
- LINS NETO, E.M.F.; PERONI, N.; ALBUQUERQUE, U.P. 2010. Traditional knowledge and management of umbu (*Spondias tuberosa*, Anacardiaceae): an endemic species from the semiarid region of Northeastern Brazil, *Economic Botany*. 64:(1): 11 - 21.